

ATRAVESSANDO CAMINHOS: ESCUTAS E NARRATIVAS POSSÍVEIS ENTRE PSICANÁLISE E FEMINISMO

Fernanda de Oliveira Alves¹
Cláudia Maria Perrone²
Nikelen Acosta Witter³

Resumo:

Instigada pelo testemunho de três psicanalistas brasileiras, Maria Rita Kehl, Patrícia Porchat e Miriam Chnaiderman, o presente texto tenciona questões de psicanálise, gênero e feminismo. Esta narrativa é resultado de uma pesquisa em psicanálise construída sob a perspectiva de uma *flânerie* como processo de investigação, bem como procura elucidar os passos da transformação desse saber em conhecimento. Psicanálise e feminismo possuem diferenças conceituais sobre o que seria o sujeito. O apontamento psicanalítico, a um feminismo identitário, e o questionamento feminista, a certos conceitos psicanalíticos, permitem uma aproximação crítica entre estas duas formas de pensamento. Ao considerar o sujeito um produto de singularização de discursos entendemos que o diálogo entre psicanálise e feminismo é necessário ao desenvolvimento de ambas teorias no que se referem ao sujeito, a cultura e a vida em sociedade.

Palavras-chave: sujeito; psicanálise; feminismo; gênero.

Abstract:

Instigated by the testimony of three Brazilian psychoanalysts, Maria Rita Kehl, Patrícia Porchat and Miriam Chnaiderman this text discusses issues on psychoanalysis, gender, and feminism. This text is based on research in psychoanalysis and is constructed from the perspective of a *flânerie* as a process of investigation, as well as seeks to elucidate the steps of the transformation of this knowledge into science. Psychoanalysis and feminism have conceptual differences about what would be the subject. The psychoanalytic point of view, to a feminist identity, and the feminist questioning, to certain psychoanalytical concepts, allow a critical approximation between these two forms of thought. Although presented as distinct fields of argumentation and knowledge, psychoanalysis and feminism have an approximation between their objectives: the existence of an ethical life, not normative and of multiple possibilities of being subject in the social bond.

Keywords: subject; psychoanalysis; feminism; gender.

¹ Psicóloga pelo Centro Universitário Franciscano, Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Psicologia pela UFSM. Atualmente pós-graduanda em Especialização em Estudos de Gênero (UFSM)

² Universidade Federal de Santa Maria

³ Universidade Federal de Santa Maria

Introdução

Surgida no final do século XIX e consolidada no século XX, a psicanálise foi alvo de desconfiança e até mesmo de chacota por parte de médicos e integrantes da comunidade científica. Ainda hoje é criticada por apontar o sexual da vida humana. Em uma de suas conferências introdutórias à psicanálise, ao falar sobre a sexualidade, Freud (1917/2014) afirma que não há dúvidas sobre o que todos entendem por sexual. Para o precursor da psicanálise o entendimento geral é do sexual como sendo indecoroso e, portanto, não se deve falar sobre isto. Eis aí a manifestação de um tabu, que é por definição, nesse tema, o impedimento de uma palavra, de um pensamento. Este pode ser um dos motivos de tanta resistência aos saberes psicanalíticos.

Ao mesmo tempo em que a psicanálise é posta em dúvida pelos saberes neurológicos ou comportamentais, – que procuram em sua prática organizar e justificar comportamentos humanos através de testes, números e aparatos biologicistas –, ela é convocada a falar sobre o sofrimento psíquico experienciado pelo sujeito. Freud conseguiu, em anos de estudo, escrita e revisão, estruturar uma teoria e uma técnica psicanalítica que é capaz de desvelar fenômenos inconscientes sempre em relação com o meio social e cultural do sujeito.

Um século depois de seu surgimento a psicanálise toma outras formas e se ocupa de fenômenos sociais do tempo em que se encontra. Psicanalistas levam seu saber para além do espaço de consultório clínico. Os discursos passam a circular entre movimentos sociais, universidades, mídias impressas e meios de comunicação online. O discurso da psicanálise tem um lugar no laço social e é por tê-lo que há um olhar tão relevante aos acontecimentos políticos que envolvem processos subjetivos, o feminismo é um desses casos.

Em um dossiê intitulado “Feminismo no pensamento do século 20” a edição 133 de 2010 da revista *Cult*, trazia um texto da psicanalista

Márcia Arán sobre a relação entre psicanálise e feminismo. Para Arán (2010), o debate entre feminismo e psicanálise, ora se configura como campo antagônico, pelo fator misógino existente na psicanálise e ora se aproxima devido ao grande número de pacientes e de psicanalistas mulheres, fato que foi fundamental para a revisão do feminino na teoria. Ela acrescenta que o feminino é uma potência crítica ao modelo da diferença sexual exposto pela psicanálise (ARÁN, 2010).

Psicanálise e feminismo são teorias de um sujeito que é produzido na singularização que faz dos discursos que o referenciam. As questões que a psicanálise se ocupa são questões da vida, tal como o pensamento feminista é uma reivindicação por condições de vidas vivíveis e uma exigência de outros discursos sobre o sujeito. Em setembro de 2018, a revista *Cult* traz um novo dossiê sobre o tema. Dessa vez específico às questões psicanalíticas e feministas. Chamado de ‘A Psicanálise entre feminismos e femininos: velhas discórdias, novas aproximações’ a edição 238 da revista elabora novas questões pensando a linguagem, o falo, o corpo e o gênero. Essa edição conta com psicanalistas, cientistas sociais, jornalistas e filósofos debatendo sobre o tema, marcando como psicanálise e feminismo são saberes múltiplos. A psicanálise passa a ser convocada e reconhecida como um espaço de considerações políticas atentas à cultura bem como o feminismo é uma expressão desta mesma cultura também.

Pensando nisso, e compreendendo o momento político no qual nos encontramos atualmente, a ascensão das mulheres a lugares não antes ocupáveis e as ameaças constantes aos direitos de pessoas que não funcionam dentro de uma normatividade de gênero esperada. Questionamo-nos sobre o que a psicanálise tem a dizer sobre os feminismos. Se tem algo a dizer, será que deve fazê-lo? Para a primeira pergunta eu não seria capaz de elucidar, neste artigo, todas as possibilidades discursivas entre a psicanálise e o feminismo. Porém, me comprometo, ao longo deste texto, em apresentar algumas falas possíveis para interligar estas duas teorias. Dando lugar de

fala a três psicanalistas brasileiras mostramos como feminismo e psicanálise são saberes plurais e singulares, e como devemos localizar os processos discursivos e olhar para a cultura e o social quando falamos de questões tocantes ao feminino, masculino e gêneros possíveis dentro da psicanálise. Sobre o segundo questionamento, assumindo uma postura de comprometimento com o sujeito, e tudo que envolve a vida psíquica e social deste, posso afirmar que sim, ao possuir algo a dizer, a psicanálise deve nos mostrar seus apontamentos sobre os feminismos.

Para responder a tais questionamentos a reflexão feita neste texto se dá através de uma pesquisa em psicanálise que permite maior liberdade metodológica a pesquisadora ao exigir posicionamentos subjetivos na escrita. Em um primeiro momento será apresentada esta metodologia, que usa a *flânerie*, do poeta Charles Baudelaire, como suporte e, por estar atrelada ao significado da pesquisadora requer um desenvolvimento teórico explicativo maior do processo. Após, entro nas conceituações teóricas sobre o feminismo. Por fim, serão expostos fragmentos do testemunho de três psicanalistas brasileiras que, contrariando os ideais ditos como patriarcais da psicanálise, buscaram articular seus discursos com as questões de gênero. Partindo do entendimento de que é necessário situar saberes e assumir lugares de fala, o texto é escrito a partir de meu lugar como pesquisadora. Entendendo que é preciso rever a forma de fazer e informar o conhecimento. Por fim, ciente de uma resistência mútua entre psicanálise e feminismo, e reconhecendo a psicanálise como inicialmente patriarcal, devido também a estruturas sociais e culturais da época em que foi elaborada, este artigo busca aproximar possibilidades de diálogo entre psicanálise e feminismo.

Percurso metodológico

A escolha por utilizar a palavra ‘percurso’ na metodologia é estratégica. Optei por este termo, pois é algo que pode estar pré-definido, mas pode mudar devido às adversidades no caminho. O percurso marca uma trajetória, onde

foi preciso que eu me movimentasse física, psíquica e teoricamente para me deslocar em concepções teóricas enraizadas em contextos sociais e culturais não atuais. As argumentações que compõem este trabalho só foram possíveis devido à caminhada que realizei e, por isso, é tão importante que sejam expostos aqui os pontos de partida, as escolhas e as tomadas de decisão durante o caminho.

O início dessa caminhada foi o sentimento de insatisfação em minhas disciplinas de psicanálise durante a graduação. Era difícil aceitar que uma teoria do sujeito, da sexualidade e das relações interpessoais ou sociais, não se posicionasse sobre questões de gênero e sexualidade dentro do ambiente acadêmico. Foi durante a pós-graduação em psicologia, sob orientação de uma professora psicanalista, que percebi que o entendimento sobre o sexual é imprescindível no entendimento psicanalítico. Meu incômodo quanto a essa questão só ia aumentando a medida em que me aproximava da teoria política feminista e das discussões sobre o sujeito que representava cada vertente.

Com a possibilidade de pesquisar o tema decidi que investigaríamos como algumas psicanalistas, que têm discursos sobre questões de gênero construídos durante seu percurso profissional, teceram sua argumentação diante de um silêncio psicanalítico e acadêmico ao gênero e ao feminismo. Escolhemos três psicanalistas brasileiras com quem havíamos tido contato por vias diferentes, mas que provocavam sentidos semelhantes.

Maria Rita Kehl produziu sua tese de doutorado em Psicologia sobre a mulher freudiana. Esse texto foi transformado no livro intitulado “Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade” no ano de 1998, este foi reeditado e voltou às vendas em 2017, reacendendo o debate sobre mulheres e psicanálise. Nesse texto, a autora busca entender e significar o lugar da mulher na teoria freudiana. A psicanalista apresentou, para mim, as possibilidades de criticidade junto de uma

compreensão teórica necessária sobre a mulher como sujeito.

As questões que envolvem a mulher são questões de gênero e envolvem também o seu oposto. Dentro do programa de pós-graduação participei de um grupo de estudos sobre psicanálise e questões de gênero. De uma aproximação inicial com os estudos da mulher passei a estudar gênero, teoria *queer* e transexualidade pelo viés psicanalítico. O texto da psicanalista Patrícia Porchat, “Tópicos e desafios para uma psicanálise *Queer*”, abriu a possibilidade de pensar sobre o sujeito em sua singularidade. A articulação que a autora faz entre psicanálise e teoria *queer* trouxe a realidade de corpos que estão à margem da sociedade. Depois disso, fui me aproximando cada vez mais da obra da autora, inclusive de sua tese de doutorado em Psicologia, “Gênero, Psicanálise e Judith Butler: do transexualismo a política”, que possibilitou a interlocução com a filósofa Judith Butler.

Dentre as indicações de narrativa diferenciada sobre o tema encontrei nesse percurso o documentário “De gravata e unha vermelha”, no qual Miriam Chnaiderman foi roteirista e diretora. Após assistir ao documentário pela primeira vez, decidi que o filme e as discussões de Miriam deveriam estar neste trabalho. Não tinha certeza se a narrativa do filme encontraria as narrativas teóricas, mas os caminhos possíveis entre a psicanálise e o feminismo mostraram que podem passar por outras produções que não sejam só no campo da escrita.

De diferentes intenções e formas de produções, a participação das psicanalistas neste trabalho é justificada não somente pela conversa que estas fazem com a teoria, mas também pelas diferentes possibilidades de existência da teoria. Se os sujeitos que significam a psicanálise e o feminismo não são os mesmos, não há necessidade de uma narrativa única sobre tais sujeitos. Outro ponto importante em que as psicanalistas contribuem com este trabalho é a separação de uma ideia errônea de que feminismo só diz respeito a sujeitos biologicamente

mulheres. Maria Rita Kehl, Patrícia Porchat e Miriam Chnaiderman possuem em concordância a noção de que o feminismo é uma questão para todos os gêneros possíveis, para todos os sujeitos que necessitam de escuta e olhar singulares.

Após o contato inicial com as narrativas destas psicanalistas eu as convidei para participar como interlocutoras dessa pesquisa. Tive com cada uma delas uma conversa de aproximadamente uma hora de duração. As conversas foram feitas via *Skype* e tinham dois tópicos principais. Um deles relacionado a trajetória e a construção do discurso delas em suas produções sobre psicanálise e gênero. E outro mais investigativo, procurando compreender como percebem as possibilidades de articulações existentes entre a psicanálise e o feminismo.

O que surgiu a partir dos testemunhos das psicanalistas interessaram a mim como dispositivos reflexivos para minha construção interpretativa. A intenção deste trabalho nunca foi a de responder ou esgotar todo meu problema de pesquisa, tampouco esperava investigar a fundo a vida profissional das participantes. A partir dos diálogos surgiram muitas informações e diversas inquietações, com essas, optei por marcar aquilo que faz sentido para mim enquanto pesquisadora sobre a temática em questão. Assim, sustento aqui um diálogo entre a psicanálise e o feminismo e sua relação com o sujeito.

Lugar enquanto pesquisadora: a subjetividade presente na pesquisa em psicanálise

O texto que compõe esse artigo é resultado de um processo longo e constante de apropriação de um lugar enquanto pesquisadora e de autorização de uma narrativa autoral. Estes são os princípios norteadores da prática de pesquisa em psicanálise exposta aqui. A pesquisa em psicanálise requer que haja transferência e desejo de implicação do pesquisador com o tema (POLI, 2008). Para Maria Cristina Poli, é importante que sejam levadas em consideração pelo pesquisador as condições simbólicas e contextuais presentes no que envolve a pesquisa interna e externamente. Isto é, pensar a realidade em termos psíquicos e de

laços sociais. Luís Cláudio Figueiredo e Marion Minerbo (2006) chamam de pesquisa em psicanálise, em seu sentido amplo, “um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento que podem manter com a psicanálise propriamente dita relações muito diferentes” (FIGUEIREDO & MINERBO, 2006, p.258). Essas relações diferentes estarão presentes a partir da subjetividade do pesquisador, como também nos conceitos empregados na reflexão. Usar a pesquisa em psicanálise como método é uma forma de pensar o sujeito para além do tratamento psicanalítico, envolvido nos fenômenos sociais e políticos (ROSA, 2004).

A discussão psicanalítica dentro da universidade poderia ser pautada de duas formas distintas: a primeira, voltada em evidência, na apreciação de fatos e na articulação entre clínica, tratamentos e comprovações, já a segunda, deveria ser voltada ao sujeito, trazendo assim, questões para o campo acadêmico. É desta segunda forma que me ocupo aqui. A psicanálise tem como desafio interno do campo a renovação e invenção do seu saber e prática, “para cada analista, como para cada caso clínico, é necessário reinventar toda a psicanálise novamente” (POLI, 2008, p.155). No interior da universidade, em um curso de pós-graduação em psicologia, com um tema de pesquisa que se enlaça entre psicanálise e feminismo pensamos ser possível essa renovação de discursos. É através do exercício de questionar e interrogar saberes em oposição que o discurso pode avançar.

Anna Carolina Lo Bianco (2003) afirma que nos procedimentos investigativos em psicanálise podemos adotar a posição de assumir que estamos falando de nós, de questões que nos afetam e nos fazem sentido. Por isso que o texto, em sua maioria, é em primeira pessoa e segue o princípio metodológico psicanalítico de transmitir, através da escrita, como aquilo que estudei me atravessou como sujeito. O trabalho nesta pesquisa sempre se dá a nível de tradução, pois perpassa um sujeito e sua própria narrativa. O ato de escrever é extremamente importante nesse processo. Miriam Debieux Rosa e Eliane

Domingues (2010) afirmam que a experiência do pesquisador com os dados, quando transformada em texto, realça marcas, efeitos e sentidos. Estes sentidos se manifestam através de um trabalho com o significante do autor. Na escrita é preciso aparecer o que produz sentido para quem escreve. “Mais do que pelo tema e lugar, a pesquisa em psicanálise se define pela maneira de formular questões” (ROSA & DOMINGUES, 2010, p.18).

Entendo que nesta pesquisa o questionamento é feito em caminhos cruzados, por diferentes campos de conhecimento. Isso me permite pensar nos leitores desse trabalho como sujeitos que transpassam discursos psicanalíticos, sociais e políticos. Foi por reconhecer o atravessamento subjetivo na pesquisa científica que eu trago, neste artigo, a figura do *flâneur* para justificar a construção livre e afetiva deste processo.

Walter Benjamin define o *flâneur* como “Ocioso, caminha como uma personalidade, protestando assim contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas. Protesta igualmente contra sua industriiosidade” (BENJAMIN, 1989, p.50). O *flâneur* é uma figura contestatória da sociedade moderna e das consequências do capitalismo. Na poesia de Charles Baudelaire, o *flâneur* é aquele que vagueia sem rumo pela cidade. Ele anda à toa. Mesmo sem ir a um lugar específico está atento as histórias do lugar através da observação e da experimentação enquanto caminhante. O *flâneur* retira desse processo o prazer estético da vida em sociedade. Martha D’Angelo (2006) esclarece que a *flânerie*, ato de flunar pela cidade, permite que se ande livremente, é possível fazer paradas, mudar rotas e deixar-se levar pelo que aparece no caminho.

Para D’Angelo o desejo pelo ócio não é exclusivo do *flâneur*. A autora ressalta que: “A partir da modernidade, esse desejo deixa de ser reconhecido como um direito legítimo do poeta, tal como ocorria anteriormente. Essas circunstâncias transformam a *flânerie* numa arte, exigindo o seu cultivo uma postura heroica” (D’ANGELO, 2006, p.246). Luísa Pires e

Roselene Gurski (2017), através de aproximações entre a figura do *flâneur* e a do psicanalista, propõem esta metodologia psicanalítica nomeada de escuta-*flânerie*. Nas palavras das autoras

Relacionando a posição do flâneur com a do psicanalista, enunciamos o catador de restos que, a partir do que seria descartado ou negado, oferece, em sua destoante postura, um espaço para o tropeço, o impensável e o detalhe - de onde podem vir a se produzir novas formulações acerca das mesmas coisas (PIRES & GURSKI, 2017, p.29)

Para as autoras, a *flânerie* pode ser entendida como uma contrapartida corporal à atenção flutuante. Importante instrumento no processo de escuta da psicanálise. Elas exploram essa metodologia no ambiente de instituições socioeducativas, mostrando a importância da presença materializada do psicanalista nesses espaços. A materialidade do transitar e a imaterialidade do inconsciente são explorados nessa investigação durante os momentos constitutivos dessa pesquisa. Está em minha experiência pessoal com o tema, no trânsito teórico interdisciplinar da formação, nas sensações durante os processos de entrevista e na elaboração posterior de minha escrita.

Os caminhos da investigação-flânerie

A *flânerie* torna possível criar uma narrativa própria devido ao olhar atento e observador do sujeito. Escolho a investigação-*flânerie* na pesquisa por entender que a autenticidade na escrita é resultado de todos os lugares que andei e das coisas que recolhi dos mesmos. Meu questionamento sobre o sujeito do feminismo e sobre a relação deste com a psicanálise tem um porquê de existir. É o trajeto acadêmico feminista e psicanalítico que fiz que me autoriza essa forma de fazer pesquisa. Parto do reconhecimento que este trabalho começou no momento em que andei entre grupos feministas, ouvi discursos distintos, li diferentes textos, estudei teorias variadas e fui questionando-me

sobre atitudes e posicionando-me sobre visões próprias, até chegar na problemática do sujeito.

Essa forma de buscar saber sobre o problema de pesquisa me permite, através das lembranças e dos encontros com autores, teorias e outras formas de conhecimento, construir meu texto juntando estes fragmentos. Isto é, não definir de antemão que autores, livros ou textos específicos usarei nesse processo, e sim, pelo acontecimento da pesquisa, pela escuta do testemunho das psicanalistas, pelas afetações que estas me causaram, pelas reflexões que fiz e pelas que abandonei, é no ato da escrita e do retorno ao que li, escutei ou falei que vou tecendo minha argumentação.

O ato de flânar durante a pesquisa aponta que as questões recolhidas durante a investigação, e expostas posteriormente em forma de texto, não vieram de um mero acaso. Dentro de um campo aberto entre a psicanálise e o feminismo existiu um passeio, no qual, se em algum momento eu achei algo de interessante, relevante e, portanto, significante, não há motivos para não os usar nesse texto.

Dentro do ambiente acadêmico há métodos e técnicas de pesquisa instituídos para a garantia do valor científico do fenômeno pesquisado. Usando a investigação a partir da pesquisa em psicanálise e do processo de *flanerie* discutidos aqui pode ser questionado, como então, tudo que eu recolhi de saber para construir esse texto irá se transformar em ciência? A discussão sobre o que pode ser considerada ciência ou não, é demasiada longa e não é de meu interesse aqui. O que é imprescindível de expor é que ir de um processo de saber sobre algo ao conhecimento válido academicamente ocorre a partir do momento em que esta narrativa é endereçada ao laço social. Sem me desconectar de uma perspectiva psicanalítica deste processo, posso afirmar que na medida que desconstruímos certezas apriorísticas e passamos a pensar em um processo de apreensão a posteriori do que é vivido, escrito, lido e escutado estamos, então, na lógica do conhecimento.

Estranhando o feminismo

A historiadora Joana Maria Pedro se refere ao feminismo como “um movimento social visível”, tendo início no final do século XIX. A principal reivindicação era o direito da mulher de ser um sujeito político, e as feministas buscavam isso através do sufrágio universal. O alcance à direitos civis igualitários que caracterizou a primeira onda feminista ainda não deu conta de reconhecer a mulher como sujeito legítimo dos mesmos. Assim, a segunda onda feminista, datada pós Segunda Guerra Mundial e nos primórdios dos anos 60, aparece para questionar as relações de poder estabelecidas e mediadas pelo gênero, nesse momento as mulheres buscavam o direito ao corpo e ao prazer e se colocavam contra o poder dos homens sobre elas próprias, entendido nesse contexto como patriarcado. (PEDRO, 2005).

É importante ressaltar que esse feminismo, que compreendemos como sendo de primeira e segunda onda, é um feminismo localizado em moldes de uma sociedade ocidental, burguesa e centralizada em países do Norte, principalmente Estados Unidos e França. Hoje já existem discussões sobre uma teoria feminista que partem do sul-global, que pense a teoria e o movimento a partir de uma perspectiva localizada. Raewyn Connell, mulher australiana transexual expõe que se as teorias feministas buscam descentrar a produção de saber, devemos ter um olhar crítico a geopolítica do conhecimento e pensar a descolonialidade do gênero (CONNELL, 2016).

É na percepção de que existem opressões específicas, que não fazem parte de uma pauta feminista centralizada, que o feminismo de terceira onda se forma. Este é um feminismo que não aceita a universalização do conceito mulher e a demarcação de pautas feministas específicas. Ele permite pensar as relações de gênero e as diferentes intersecções entre os sujeitos. A terceira onda feminista reúne narrativas do processo de socialização de diferentes mulheres e das interseccionalidades que as atravessam. Cor, classe social, período geracional, orientação sexual e identidade de gênero são algumas das

questões presentes nas discussões do feminismo de terceira onda. Isso demarca como o feminismo é múltiplo e diz respeito a muitos sujeitos.

Como então conceber uma forma de libertação que seja para todas as mulheres, *cis* ou *trans*, representadas pelo feminismo? E será que é apenas a partir da libertação das mulheres que o feminismo deve se ocupar? Eis aí um ponto de cisão dentro do movimento e da teoria feminista. É nesse ponto que a psicanálise apresenta sua problemática para o feminismo – a concepção de que o feminino é uma questão para o sujeito, seja este homem ou mulher.

O desejo em questão

Na posição de pesquisadora pude transitar por diferentes espaços e discursos feministas. Nestes lugares, um incômodo surgira, quando percebia que, entre a posição política e a posição desejante do sujeito, se esperava, na maioria das vezes, que a primeira fosse a escolhida. Ou seja, certas bandeiras feministas, em prol de um ideal representacional, solapavam o desejo. O desejo é aquilo que coloca o sujeito em relação com os outros. Para Freud, o desejo é movido pela sexualidade e é inconsciente, sendo realizado via sonho e via fantasias. Lacan irá aprofundar essa ideia. Ele une a ideia de Freud de que o desejo inconsciente é um desejo de realização junto com sua noção de desejo baseado no reconhecimento, ou seja, o desejo do desejo do outro (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Lacan diferencia o “outro” e o “Outro”. Esse pequeno outro é entendido como um duplo de nós mesmos, como o eu dos sujeitos, algo muito similar a nós. O “grande Outro” é um lugar simbólico que traz o princípio de alteridade radical, que não é reduzível a uma identidade própria. O filósofo Slavoj Žižek, no livro *Como ler Lacan*, interroga se o “grande Outro”, “É o mecanismo anônimo da ordem simbólica, ou um outro sujeito em sua radical alteridade, um sujeito do qual estou separado para sempre pelo muro da linguagem?” (ŽIZEK, 2010, pp. 53-54). Neste trabalho, entendemos o “grande Outro” como uma instância própria da linguagem que constitui nosso

desejo e serve para nos alienar. É um lugar vazio, pois não existe uma representação própria, apenas atribuímos ele a pessoas, lugares e significados.

Para Žižek (2010) a fórmula “É como outro que ele deseja” é ambígua, pois pode significar que o desejo é predeterminado pelo espaço simbólico que habitamos e que o sujeito só irá desejar quando experimentar o outro como desejante. Nas palavras do filósofo, “O outro não só se dirige a mim como um desejo enigmático; ele também me confronta com o fato de que eu mesmo não sei o que realmente desejo, do enigma de meu próprio desejo” (ŽIŽEK, 2010, pp.55-56). É aí que o trabalho psicanalítico de análise se faz presente, o sujeito irá buscar descobrir seu real desejo. Definir o que é seu e o que é do Outro. Pensar o feminismo atravessado por um olhar psicanalítico é marcar a ideia de um sujeito identitário como algo contrário ao reconhecimento do desejo.

O feminismo é extremamente importante em termos políticos, em momento algum negamos sua necessidade ou fator social. Uma crítica sociológica pertinente a esse pensamento é a ideia de que precisamos pensar coletivamente para que seja possível avançar politicamente. A psicanálise reconhece isso, porém a intenção nesse texto é a de refletir sobre ideias pré-estabelecidas e definidas de sujeito a partir do entendimento de que cada sujeito irá ter para si uma forma de se reconhecer enquanto tal, e este reconhecimento deve ser próprio, ligado a sentidos e significados próprios e não em identidades pré-estabelecidas.

Jacques Lacan (1979), desenvolve uma nova forma de pensar o campo de construção da realidade humana. Para ele existem três registros dessa realidade. O simbólico – no qual a existência é sempre pré-existente, ou seja, existir no discurso do outro antes mesmo de existir no discurso próprio, nessa dimensão todos os significados são dados nos outros -, o campo imaginário – pelo qual se entra no mundo humano, lugar das fantasias do sujeito -, e o campo do real que é o campo do impossível, o que não pode ser pensado e escapa do registro simbólico e imaginário, aquilo que não para de

não acontecer. O sujeito só é sujeito na medida em que articula tais campos, não pode ser reduzido a um indivíduo, pois é um acontecimento singular amarrado pelo discurso.

Na introdução ao título do seminário 18 - *de um discurso que não fosse semblante (1971/2009)* -, Lacan explora o que é um discurso. Ele afirma que de modo algum um discurso teria como referência um sujeito, embora este seja dominado pelo discurso. Para Lacan (1971/2009), o discurso se funda em uma estrutura. Por isso que aqui, quando falo em discurso da psicanálise ou discurso do feminismo estou falando de um conjunto de regras, técnicas e formas de pensar o mundo e também o sujeito.

O discurso é da ordem simbólica, da prática social e de toda forma de linguagem que antecede o sujeito, tudo aquilo que é cabível de interpretação, ou seja, ele é pré-existente às narrativas que o sujeito irá criar para si (DUNKER, 2005). De acordo com Lacan “o sujeito só aparece depois de instaurada em algum lugar a ligação dos significantes. Um sujeito só pode ser produto dessa articulação significativa. O sujeito como tal nunca domina essa articulação, de modo algum, mas é propriamente determinado por ela” (LACAN, 1971/2009, p.18).

Christian Dunker (2005) expõe que o grande confronto do sujeito se dá na existência de uma ordem que nos constitui sem ter um significado. O que fazemos enquanto sujeito é criar narrativas em cima dessa ordem. E fazemos isso nos perguntando o que ela espera e quer de nós. Colamos-nos a determinados discursos para dizer quem somos, porém ter um discurso não quer dizer que sejamos autores do mesmo. É então que o autor chama a atenção para a narrativa, que é a fala do sujeito sobre seu lugar enquanto tal. A narrativa está dentro do discurso e é o modo como o sujeito organiza aquilo que acontece com ele (DUNKER, 2005). Criamos narrativas, pois os fatos materiais apresentados não são suficientes para que saibamos quem somos.

A teoria lacaniana se coloca a pensar o sujeito de maneira diferente e mais elaborada que Freud fizera. Explorando os termos estruturais que

compõe o sujeito, Lacan consegue trazer como questão as normas sociais e suas imposições (SOLER, 2005). Esse ponto permite pensarmos que a normatividade não pode ser um argumento aceitável na discussão psicanalítica. O mesmo não pode acontecer com o feminismo. A problemática feminista está presente quando definimos modelos estáveis de sujeitos representacionais que servem de embates políticos, impossibilitando o desenvolvimento do feminismo em termos políticos, teóricos e subjetivos. É por considerar que a psicanálise é capaz de fazer questão ao feminismo através do envolvimento no debate sobre gênero que busquei conhecer como as psicanalistas que fazem este debate construíram seu discurso.

Psicanálise, gênero e feminismo: narrativas possíveis

Serão expostos aqui o modo como cada uma das psicanalistas entrevistadas organizou o que aconteceu com elas no que diz respeito ao tema psicanálise, gênero e feminismo. A partir dessa parte do texto exponho os encontros com o inesperado e o desconhecido. Cada psicanalista se posicionou de maneira singular e diferenciada, mostrando como a construção discursiva de cada uma, a partir da psicanálise, é subjetiva e que, no caminhar da pesquisa é impossível prever o percurso. A partir da exposição de fragmentos, tangenciamos a fala das psicanalistas com suas obras, marcando duas fontes diferentes de narrativa e reflexão.

O convite a Maria Rita Kehl⁴ foi feito pessoalmente, encontrei-a em um evento da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Expliquei a ela o trabalho que estávamos fazendo e me informou que não era a melhor pessoa para falar sobre feminismo, dado que não é esse seu foco de discussão. Ainda assim, insisti. Disse que mesmo que não falasse

sobre o feminismo de maneira objetiva, suas questões sobre a mulher e o feminino repercutem em uma teoria psicanalítica voltada a olhar tais demandas. Quando questionada sobre seu processo de construção quanto as questões do feminino, da mulher e de gênero respondeu que “Primeiro eu sou mulher. Segundo eu sou da geração que aqui no Brasil é a primeira geração feminista” (Maria Rita KEHL, 04 de julho de 2017).

Penso que ela, ao colocar o ser mulher nessa resposta, marca como nossa posição de gênero diferencia relações e lugares discursivos. A psicanalista ressalta que se identificou como feminista, porém nunca participou da radicalidade feminista que passa a ideia de haver uma bronca com os homens. Sobre isso ela expôs que pode não gostar de certos homens ou de certas atitudes, mas não deixa de gostar do gênero por isso.

Este ponto é extremamente relevante nesse trabalho, se considerarmos que existe uma problemática feminista quando há, por parte de algumas vertentes do pensamento, exclusão total do campo masculino nas práticas políticas e discursivas. Maria Rita Kehl, no livro *Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade* (1998), afirma a inexistência da mulher universal da mesma maneira que não existe o homem universal. “Esta segunda miragem, sustentada pelo significante fálico, parece encontrar uma ressonância imaginária que o conjunto de mulheres nunca será capaz de produzir” (KEHL, 1998, pp.34-35).

Mesmo que possuam em comum este significante é imprescindível entender, a partir da ética da psicanálise, que mulheres e homens são construções que estão sujeitas a contingência, pois existem em determinados momentos históricos e podem mudar (KEHL, 1998). Em um texto intitulado *A mínima diferença* (1992), Kehl observou a existência de um mal-estar entre as pessoas no que diz respeito a sua sexualidade. São muitos os questionamentos na clínica psicanalítica de homens e mulheres buscando a verdadeira masculinidade e feminilidade diante da interpenetração destes territórios. Nesse texto ela

⁴ Formada em [Psicologia](#) pela [USP](#), com Mestrado em Psicologia Social e Doutorado em [Psicanálise](#) pela [PUC-SP](#) (1997), é uma [psicanalista](#), [jornalista](#), [ensaísta](#), [poetisa](#), [cronista](#) e [crítica literária brasileira](#).

argumentou que as meninas são subjetivadas ao tentar buscar algo que não tem, e os meninos pelo medo de perder o que já possuem. Por isso afirma que da mulher não há como se roubar a feminilidade e que, assim, reclamamos o masculino como algo próprio e que foi roubado de nós, diferentemente dos homens, nos quais toda a feminilização é sentida como perda, como algo aterrorizante e, portanto, odioso (KEHL, 1992).

Maria Rita Kehl é também jornalista e contou que, mesmo não se ligando a nenhum movimento feminista de forma ativista, ela gostava muito de um jornal feminista dos anos 1980 chamado *Mulherio*, no qual o feminismo era uma questão de debate.

Eu gostava muito desse jornal porque ele não era um jornal nem de acusação contra os homens e nem de uma defesa da superioridade feminina. Era um jornal em que as mulheres se manifestavam sobre temas de nosso interesse e criticavam sim atitudes machistas e pontos de vistas machistas nas discussões (Maria Rita KEHL, 04 de julho de 2017).

A psicanalista chegou a escrever textos e participou da comissão editorial do jornal. Contou que na época, o assassinato de Ângela Diniz pelo namorado Doca Street, que alegou ter matado por amor, movimentou uma campanha importante: *quem ama não mata*. Maria Rita Kehl afirmou que estes foram momentos de se aliar as discussões desse universo das mulheres e por consequência das reivindicações feministas. Foi quando se tornou psicanalista que disse ter se rebelado um pouco com certo pressuposto da psicanálise, que ela acredita ser uma incompreensão da teoria, como se esta fosse sempre levada ao pé da letra.

Quando Freud diz que a menina se sente inferior porque não tem pênis. A criança, ele tá⁵ falando de teorias sexuais infantis. Ele não tá falando de uma inferioridade da mulher. Tem muita gente que fica brava porque o Freud diz que a mulher é inferior. A palavra “castrado” no Brasil é uma palavra pesada, não é? Mas que o Freud usa para falar de toda nossa condição humana de incompletude. Ele

usa castrado para falar disso. Ele usa castrado para falar de falta de pênis, mas ele diz que a criança pequena quando percebe que o menino tem e a menina não tem, na lógica da criança, que mede as coisas por quem é maior, por quem é menor. [...]A menina se convence de uma certa inferioridade por não ter aquele orgãozinho a mais e o menino de uma certa superioridade. Só que o menino, pensa que a menina perdeu porque ela se comportou mal. Então o menino é muito, a formação neurótica do menino é ligada ao que a gente chama de angústia de castração. Que na pequena infância é o medo de perder realmente o pênis né, mas que nos subjetiva na vida adulta, principalmente aos homens, com o medo de perder algum atributo que a gente chama de falo, que dá poder, que dá uma satisfação de ser mais completo e a menina então se subjetivaria com uma certa inveja do pênis no começo, uma certa inveja do menino e por uma demanda fálica diria assim, querendo reconhecimento dos seus outros atributos que tem valor. Eu vou aqui usar a palavra fálica como fenômeno do que atribui valor ao sujeito (Maria Rita KEHL, 04 de julho de 2017).

É importante afirmar que o *falo* é um dos conceitos que é interpretado de forma diferente na psicanálise para Freud e Lacan. Para Freud é o organizador da sexualidade que permite ao sujeito representar aquilo que não há representação no inconsciente, que é o sexual, por isso que ele irá afirmar que o inconsciente não conhece sexo. Na perspectiva de Freud, a falta fálica, entendida como ter ou não ter o pênis, é o núcleo do ser feminino. Já na perspectiva Lacaniana, não é mais o pênis que está em questão, o falo é o significante da falta e, como todo significante, tem um lugar no discurso do Outro (SOLER, 2005). A forma que Lacan vê o falo influencia a forma que ele vai reler o complexo de Édipo de Freud. Em um primeiro tempo pensa-se a criança como falo da mãe – ela é o objeto que falta a mãe – se a criança é isso, então falta algo à mãe. Em um segundo momento acontece a operação da função paterna e o objeto de desejo passa a se situar fora do campo materno para criança. A função paterna é tomada como desejo e como temor. No próximo momento o falo se torna o significante da falta, ou seja, a insígnia que aponta para o desejo. Se algo

⁵ A entrevista transcrita mantém a forma coloquial da palavra falada.

nos falta, nos movemos para ir em busca, será esta falta que move nosso desejo (SOLER, 2005).

Maria Rita Kehl acrescentou:

Fui lendo cada vez mais e fiquei também um pouco revoltada pensando como a psicanálise lacaniana assumiu um pouco essa, essa visão não é, da inferioridade da mulher, da inferioridade fálica da mulher, da incompletude da mulher, que tem consequências pra subjetividade, como se a mulher nunca completasse o Édipo que é uma coisa que o Freud também vai dizer não é (Maria Rita KEHL, 04 de julho de 2017).

Se para Freud a questão estava entre ter ou não ter o falo, para Lacan passa a questão de ter ou ser o falo. A mulher não o tem, ela o é. Colette Soler, psicanalista lacaniana, em seu livro *O que Lacan dizia das mulheres*, afirma que a mulher só é o falo no seu nível de sua relação com o homem. A autora expõe sobre as formulações de Lacan para especificar o lugar “da mulher”

Todas fazem dela o parceiro do sujeito masculino: ser o falo, isto é, o representante do que falta ao homem, depois ser o objeto causa de seu desejo e, por fim, ser o sintoma em que seu gozo se fixa. Todas, como vemos, definem a mulher como relativa ao homem e não dizem nada sobre seu possível *ser em si*, mas apenas sobre seu ser para o Outro (SOLER, 2005, p.29).

Para a psicanalista, a objeção feminista está presente ao nível da metáfora fálica quando denuncia imagens e símbolos da cultura que funcionam como formas coercitivas sobre a mulher. Admite que Lacan, diferentemente de Freud, reconhece que a mulher é uma invenção da cultura e assim muda de forma conforme mudam-se as épocas (SOLER, 2005).

O reconhecimento da mudança da mulher em termos culturais e sociais é o que impõe a psicanálise uma reconfiguração do seu entendimento sobre o sujeito. Soler expõe que mesmo que o tempo histórico em que Freud e Lacan produzem suas teorias seja diferente isso não é o suficiente para justificar uma posição normativa de Freud que é nas palavras da autora:

obsoleta (SOLER, 2005). Ela afirma que a problemática fálica é algo impossível de se evitar, pois

[...]a partir do momento em que o significante está no Outro do discurso, ele entra em jogo desde a mais ínfima demanda, feita a seja que outro for, homem ou mulher, a começar, muito especialmente, pela mãe, que é determinante nisso, como bem percebera Freud (SOLER, 2005, p.31).

Após esclarecer a castração como condição de todos nós, podemos afirmar que ela vai funcionar como uma forma de suportarmos a diferença. Essa diferença vai ser marcada pela circulação do falo. Circulação porque a falta que ele representa está sempre sendo apontada e sentida por todos, sejam homens ou mulheres. Podemos pensar o falo como um espaço de movimentação do lugar de poder na sociedade e então, questiono se existe hoje um excesso fálico? Existem sujeitos que não desejem o lugar fálico? Ou é uma questão para todos, atravessada, inclusive pelos movimentos sociais, como é o caso do feminismo?

Maria Rita Kehl desenvolveu um discurso muito cuidadoso e atento ao tempo presente. Ela expõe como os novos tempos trazem novos sujeitos. O princípio que define o masculino e o feminino abrangem e flexibilizam com as mudanças da cultura. O que é um homem? O que é uma mulher? Mudam-se as identificações, mudam-se as exigências e os padrões de comportamento. Mudam então as representações de si e os sintomas. A mínima diferença que está presente é a diferença no modo de subjetivação do sujeito (KEHL, 1992).

Até aqui já podemos constatar que cada sujeito irá se subjetivar de maneira diferente. E que, a sexualidade e tudo que ela envolve são essenciais nesse processo de subjetivação. A entrevista com a Patrícia Porchat⁶ mostrou como o

⁶ Professora do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Bauru) e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da UNESP/Bauru e em

olhar da psicanálise para o gênero deve ser singular, autônomo e ousado. Ela conta que se aproximou do tema através do trabalho clínico, atendeu em seu consultório alguns homens gays e dali retirou suas questões para fazer um doutorado sobre a “pegação” no mundo gay. Sobre isso ela disse

Eu fui estudando bastante sobre a homossexualidade na psicanálise. E me incomodava o fato de aparecer sempre essa questão da perversão né. Do diagnóstico. Mas o que que é a perversão, o que faz sentido em Freud, em Lacan. Enfim, não gostava de que a abordagem pudesse eventualmente ter que ser por aí. Eu cheguei na qualificação e não deu outra. Na qualificação o pessoal da banca falou claramente bom, você vai ter que estudar profundamente a noção de perversão em Lacan. E aí eu fiquei bloqueada e falei não, eu não quero isso. Eu não quero ter que dizer que é perversão para dizer que não é perversão (risos). (Patrícia PORCHAT, 04 de setembro de 2017).

Nesse testemunho aparece a insatisfação e o incômodo com alguns conceitos psicanalíticos que são colocados como fundamentais no processo de apreensão sobre determinados sujeitos. Nesse caso, trazer o conceito de perversão é, ao meu ver, uma forma de legitimar esse lugar da patologia dentro da questão do gênero e da sexualidade na psicanálise. Partir da perversão para depois negá-la ou desconstruí-la irá gerar efeitos em quem lê sobre este trabalho. Um dos efeitos possíveis é acionar a visão da pessoa enquanto perverso antes da pessoa como um sujeito.

Ao se aproximar dos textos de Judith Butler, Patrícia Porchat se deparou com a demanda de entender o gênero. Sua pesquisa se ocupou a discutir o conceito de gênero na psicanálise usando como interlocutora a autora Judith Butler. Em sua tese: *Gênero, Psicanálise e*

Judith Butler – do transexualismo a política, ela expõe que precisamos admitir que Freud, ao procurar explicar o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade, já se ocupava com questões de gênero mesmo sem a intenção de fazê-lo (PORCHAT, 2007).

Sobre o gênero ela expôs:

Uma das coisas que eu escuto as vezes é assim “ah gênero não é um conceito psicanalítico” né, gênero não é um conceito do Freud, gênero não é um conceito do Lacan. Tá, mas gênero é um conceito do Stoller. E o Stoller era psicanalista, não é? E o Stoller quando começa a trabalhar com o gênero no final da década de 1960 era da Sociedade Psicanalítica Americana, então por que que gênero não é um conceito psicanalítico? Quer dizer. Quais né, (risos) quais psicanalistas e quais teorias podem criar conceitos? (Patrícia PORCHAT, 04 de setembro de 2017).

A interrogação que Patrícia Porchat faz nesse fragmento é relevante para pensarmos a elitização e institucionalização do saber, neste caso o saber psicanalítico. Logo no início de *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler traz à superfície o reconhecimento da instabilidade do feminino e do significado da mulher, problematizando as implicações subjetivas, políticas e teóricas disso. Nas palavras da autora: “A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre as mulheres, e a radicalizar a noção de crítica feminista” (BUTLER, 2016, p.13).

Judith Butler (2016) defende que o feminismo não necessita definir identidades para seguir sua tarefa política, pelo contrário, deve-se questionar sobre quais seriam as possibilidades políticas que surgem de uma crítica radical a noção identitária (BUTLER, 2016). Ela pergunta se a busca pela identidade comum do sujeito feminista para embasar políticas não estaria impedindo uma descoberta radical sobre as construções e as normas políticas da identidade de qualquer sujeito. Durante nossa conversa, Patrícia

Educação Sexual (Mestrado Profissionalizante) da UNESP/Araraquara. Pós-doutorado na Université Paris Diderot (Paris 7). Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987), mestrado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2001) e doutorado em Psicologia Clínica também pelo IPUSP (2007)

Porchat relembra que as feministas francesas da década de 50 e 60 teciam críticas à psicanálise, da mesma forma que fizeram antropólogas e sociólogas. Críticas feministas que não eram levadas em consideração. Ela manifesta o incômodo e um estranhamento em pensar que a psicanálise começou a olhar as pautas feministas através do aparecimento visível da transexualidade. Afirmou:

Eu fico com uma pulga atrás da orelha assim que vindo das feministas parecia reclamação histórica tá. Vindo da questão da transexualidade vem um não só patologia, vem um, alguém que põe o dedo na questão da diferença sexual né. De um jeito talvez um pouco mais, talvez teoricamente ou pelo menos que um grupo de psicanalistas olha como se dizendo: precisamos responder a isso teoricamente. Enquanto vinha das feministas também precisava responder teoricamente, mas eu acho que é muito uma questão de machismo mesmo, de desconsiderar por ser uma reivindicação vinda de mulheres. E a transexualidade vai mais pro plano teórico né, político até né. Bom, enfim, da patologia também (Patrícia PORCHAT, 04 de setembro de 2017).

A psicanalista também atestou que trabalhar com tais questões dentro da psicanálise é um processo solitário. Contou que muito do que construiu foi junto de grupos pequenos de pessoas que se interessam pelo tema e manifestou a necessidade de unirmos sujeitos interessados em uma psicanálise que se ocupe do gênero, pois cada vez mais precisamos de profissionais com posicionamentos discursivos que estejam a serviço do sujeito e não da norma limitadora da sociedade.

É por isso que quando eu perguntei à Patrícia Porchat: *como poderíamos ver hoje as possibilidades de encontros, paradoxos e articulações entre a psicanálise e o feminismo?* Ela me respondeu:

Qualquer tentativa de elucidar alguma coisa é qual psicanálise com qual feminismo e não a psicanálise de modo geral. Eu acho que os dois lados tocam um com o outro as vezes um pouco como se fosse uma coisa só. A

psicanálise entende as vezes o feminismo como se fosse o mesmo feminismo e o feminismo entende também a psicanálise como se fosse uma única psicanálise (Patrícia PORCHAT, 04 de setembro de 2017).

Essa fala manifesta a exigência da localização do saber na construção do conhecimento. A localização do saber é uma tomada de decisão discursiva, uma escolha teórica que tomo como aliada nos entendimentos que construí sobre o sujeito do feminismo e o sujeito da psicanálise. O saber localizado respeita a diversidade e entende que não é possível produzir a universalidade científica (HARAWAY, 1995). Donna Haraway, importante pesquisadora feminista das humanidades, afirma que não necessitamos exatamente de novas teorias críticas sobre o sujeito, mas sim de teorias críticas com saberes localizados. Isso assegura que diferentes saberes têm valor e que é preciso pensar de maneira transversal e acessível, assim é possível alcançar o maior número de sujeitos possíveis no que diz respeito ao conhecimento.

Enquanto ouvinte dos testemunhos que venho expondo aqui, percebo que o ato de escrever sobre eles é o que os transforma em conteúdo pertencente a mim. Escrever sobre o que se escuta e o que se lê é o que constrói o conhecimento. O testemunho de Miriam Chnaiderman⁷ me presenteou com falas afetivas. Foi uma surpresa, pois diferente das interlocutoras anteriores, ela narrou como se sentia nos seus processos investigativos. Disso asseguro que toda construção teórica e discursiva passa pelos nossos afetos.

A psicanalista disse que se sente interrogada pelo mundo e usa isso nos seus documentários, permite-se afetar pelo que está por vir e que não é possível prever. Questionei se a forma que ela pensa gênero estaria sob influência

⁷ Miriam Chnaiderman é cineasta e psicanalista. Ligada ao Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (Sedes-SP), mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

da época em que se tornou psicanalista. Sobre isso disse que sim, e acrescentou:

Acho que eu também tenho uma formação mais, mais sei lá, vou falar mais múltipla porque eu fiz meu mestrado em semiótica sobre literatura e psicanálise, fiz meu doutorado sobre o trabalho de ator, Freud e Stanislavski. Trabalhei muito, entrei em filosofia e trabalhei muito Deleuze. Então sempre teve um trânsito que não é exatamente, não sou uma psicanalista que só lê o Freud ou Lacan. Então eu tenho... acho que os temas também dos meus documentários brotam de uma imensa curiosidade pelo mundo, de uma imensa vontade de mergulhar no mundo. E de mergulhar mesmo! Quando eu mergulho e vou pra rua fazer um documentário eu não sei nunca o que vai acontecer né. Então eu vou. (Miriam CHNAIDERMAN, 14 de setembro de 2017).

A postura de Miriam Chnaiderman me levou ao encontro de uma psicanálise inserida na realidade social e política local. É da percepção do que mexe com ela no mundo que esta põe-se a investigar. O apontamento da psicanálise em relação com outros saberes deve ser uma posição política defensiva de uma teoria comprometida com o sujeito. A sociologia, a antropologia e a filosofia criam questões à teoria psicanalítica, e a linguística utilizada por Lacan permite um entendimento maior do inconsciente.

Afirmando que outros saberes criam tensões para os psicanalistas podemos fazer o caminho inverso e reconhecer as tensões que a psicanálise traz para estes saberes e para a política do sujeito. Este é um dos pontos centrais do trabalho, refletir como a psicanálise apresentada por estas psicanalistas questionam uma ideia de feminismo radicalizado e centrado no sujeito representacional, beirando por vezes à um essencialismo e a um retorno às explicações biológicas sobre as condições de gênero dos sujeitos. Do que construímos até aqui, pode-se perceber que, a partir de uma visão psicanalítica, o feminismo está para além de identidades, representações ou corpos biológicos entendidos como femininos ou masculinos.

Quando questionada se é feminista, Miriam respondeu: “Me considero porque eu acho que defender o pluralismo do gênero, a possibilidade de ler gêneros me faz ser feminista sim porque eu acho que a mulher tem tanto direito a se viver múltipla quanto o homem” (Miriam CHNAIDERMAN, 14 de setembro de 2017). Para ela, o feminismo é possível na medida em que se abre para todas as sexualidades possíveis, para todas as formas de gênero possíveis, ou seja, para todos os sujeitos. Sobre isso, Butler (2016) aponta que a representação sempre irá excluir sujeitos da existência política. É em torno disso que se constrói a crítica dos estudos *queer* ao feminismo enquanto movimento identitário. “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca a emancipação” (BUTLER, 2016, p.20)

O que Butler mostra é que a criação das mulheres como mulheres é determinada por discursos que funcionam como formas de exclusão. Isso é percebido no interior do movimento feminista e em suas demandas. Quais são as reivindicações do feminismo? Ao responder isto e construir pautas políticas que podem ou não ser reivindicadas, o movimento feminista exclui sujeitos da possibilidade de virem a ser sujeitos políticos e de desejo. Apesar disso, a autora considera que a representação política em torno de um sujeito do feminismo unificado, é por vezes necessária, ou seja, usar estrategicamente da representação.

Ao estabelecer a identidade do sujeito acaba-se por reiterar a norma sexual regulatória da sociedade. No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) procura organizar um pensamento para definir a sexualidade, ou ao menos tenta, pois não há como fazê-lo dada pluralidade de possibilidades. Nesse texto Freud tenta pensar a sexualidade de uma forma diferente de um dado biológico bruto, busca desassociá-la da reprodução e a define como uma relação humana com o outro, algo muito singular,

uma disposição psíquica universal que não é patológica.

Ao definir que a sexualidade não é patológica ele afirma que não deveríamos reprimir suas manifestações, já que, tudo que vivemos sexualmente é o que nos constitui enquanto sujeito. O que Freud não desenvolveu a fundo em suas conceitualizações é que as sexualidades são parte de regimes regulatórios da sociedade. Ainda assim, Miriam Chnaiderman aponta que

Freud também fala de um trabalho que a cultura vai fazendo, [...] tem algo do psiquismo que é da cultura e que a gente não pode ignorar. Então eu tenho a impressão que no próprio Freud a gente consegue pensar a questão do gênero. Não, bom, não sei se tão claramente assim acho que tem uma construção a ser feita, mas eu acredito muito que a psicanálise tem instrumentos pra pensar tudo isso. Só falta pensar tudo isso. Falta pensar! (Miriam CHNAIDERMAN, 14 de setembro de 2017).

A conversa que tive com Miriam trouxe uma virada radical a forma que eu estava construindo minha argumentação de pesquisa. A forma que ela é interrogada pela vida me fez perceber que, mais importante que definir argumentações teóricas, é necessário saber fazer perguntas e duvidar do que está muito bem encaixado nas explicações sobre o sujeito. Nossa subjetividade nunca é traduzida de forma plena. Uma mulher pode ser feminista sendo contrária a ideais representacionais, da mesma forma que um homem pode ser feminista sem estar do lado feminino do gênero. Até porque feminilidade e masculinidade são processos constitutivos do sujeito, habitam o mesmo espaço e o mesmo corpo. De tudo isso podemos nos ocupar de interrogar o desejo enquanto possibilidade política para o sujeito.

As três psicanalistas contribuem com o desenvolvimento desse debate a medida em que endereçam seu discurso ao laço social. Enquanto pesquisadoras, professoras ou palestrantes, elas produzem contribuições feministas. Cabe aqui ressaltar que o lugar de produção de Miriam

Chnaiderman é diferente⁸. No caso do seu documentário *De gravata e unha vermelha*, que tive acesso por causa desse trabalho, é possível, visualmente, ter uma compreensão de quem são esses sujeitos com suas múltiplas sexualidades e gêneros e como eles existem ética e politicamente. Miriam mostra uma possibilidade de articular a psicanálise com o gênero, a sexualidade e o feminismo.

Este trabalho veio afirmando, desde seu início, a presença de uma estrutura social que fabrica discursos e ergue muros entre as pessoas. Primeiro o sexo, depois o gênero. O feminismo aparece como uma das formas de contestar essa estrutura a partir do agenciamento que o sujeito faz da sua vida. No meu entendimento, é possível e mesmo necessário que a psicanálise se sinta cada vez mais convocada a voltar o olhar, a escuta e a escrita para o acontecimento feminista.

Considerações finais

A conversa que tive com cada psicanalista fez com que eu me deparasse com a complexidade do tema que me propus aqui. Chegando ao fim desse trabalho pude perceber que o debate entre o gênero, feminismo e psicanálise exige que o sujeito sustente uma posição de resistência. Resistência diante dos conceitos que por si só servem como uma forma de afastar o debate e diante das hierarquias institucionalizadas do saber.

Retomo que meu objetivo neste trabalho foi, desde o princípio, o de ouvir o que estas psicanalistas tinham a dizer. Sem saber exatamente onde chegaria, tinha a intenção de ver o que se repete, o que se interroga e quais as aberturas possíveis nesse processo. Minhas interlocutoras, cada uma a seu jeito, fazem do exercício psicanalítico uma forma de se envolver com o social.

Evidencio que dessas entrevistas eu usei o que para mim fez sentido na estruturação desse

⁸ A conversa com a Miriam Chnaiderman expandiu a forma de pensar o gênero em relação com a psicanálise e o laço social, o que levou a realização de um segundo artigo com maior foco nas falas dela.

texto. O entendimento do meu percurso metodológico é muito importante nessa construção, por isso me ocupei tanto dele. É necessário ressaltar a marca da diferença entre minhas interlocutoras. Maria Rita Kehl olha para o lugar que o feminino é colocado na cultura. Pensa sobre a condição da mulher em uma época que esta era realmente limitada e sem autonomia. E hoje ajuda a perceber esse feminino reestruturado, falando de um outro lugar social. Já Patrícia Porchat, envolve uma discussão desconstrucionista junto de sua interlocutora principal, Judith Butler, mostrando a possibilidade de colocar a psicanálise em discussão com um campo filosófico e político. E por fim, mas não menos importante, Miriam Chnaiderman mostrou uma psicanálise questionada e levada ao laço social, trazendo uma necessidade de intervenção.

Na tentativa de articular psicanálise e feminismo e na pretensão de achar respostas, o que encontrei nessa caminhada foi o peso destes pensamentos nas ciências e nas vidas humanas. Espaços de contestação e de criticidade interna, feminismo e psicanálise são lugares que possibilitam que o sujeito encontre sua voz. Uma voz que não é oferecida por ideais identitários ou por terapias tutelares. O método catártico de Freud e a afirmação de Lacan, de que existimos na linguagem, valoram essa voz, esse ser que fala.

O que quer essa pessoa que fala? Qual o discurso dessa fala? E a quem este sujeito fala? Posso chegar à conclusão de que feminismo e psicanálise oferecem lugares de escuta que possibilitam a existência de uma voz. Ou concebê-los como espaços de acolhimento das reivindicações pessoais e sociais. Mas o mais importante é a compreensão de que a fala faz o sujeito. Não é necessário que exista uma conformidade entre o sujeito da psicanálise e o sujeito do feminismo. O que é necessário é a sustentação do lugar de sujeito acima de tudo.

Referências

ARÁN, Márcia. (2010). Psicanálise e feminismo. *Revista Cult*. Recuperado em 05 maio, 2018, de <https://revistacult.uol.com.br/home/psicanalise-e-feminismo/>

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10.ed. Rio de janeiro: civilização brasileira, 2016.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: Nversos, 2016.

COSSI, Rafael. K. *A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo*. Tese (Doutorado Programa De Pós-Graduação em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2016.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. *Estudos Avançados* 20 (56), 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n56/28637.pdf> Acesso em: 5 mai. 2018.

DUNKER, C. I. L. Discurso e narrativa na construção do saber sexual. *Educação, subjetividade & poder*. V.1, p.137-160, 2005.

FIGUEIREDO, Luís. Cláudio. MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de psicanálise*. São Paulo, 39(70): 257-278, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf> Acesso em 27 nov. 2017.

FREUD, Sigmund. (1917) Conferências Introdutórias à Psicanálise. In Freud, S. (2014). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: Freud, S. *Obras completas*. São Paulo: companhia das letras, 2016.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio

da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), p.07-41, 1995.

KEHL, Maria. Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KEHL, Maria. Rita. *A mínima diferença*. 1992. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/03/02/maria-rita-kehl-a-minima-diferenca/> acesso em 17 de abr. 2018.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, (1971). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LO BIANCO, A. C. Sobre as bases dos processos investigativos em psicanálise. *PsicoUFS*. V. 8, n. 2. p. 115-123. Jul./dez. 2003. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoufs/v8n2/v8n2a03.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2017.

PEDRO, Joana. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, vol. 24, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>> Acesso em: 28 ago. 2017.

PIRES, Luísa. P. & GURSKI, Roselene. A construção de um “posto móvel de escuta” na socioeducação: uma metodologia psicanalítica nomeada escuta-flânerie. In *Anais do II Encontro do Grupo de Trabalho Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea*. Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos, realizado no período de 21 a 23 de junho de 2017, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP, São Paulo: ANPEPP, 2017.

POLI, Maria. Cristina. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. *Estilos da clínica*, v.13, n. 25, p. 154-179, 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v13n25/a10v1325.pdf>> Acesso em 17 de jan. de 2018.

PORCHAT, Patrícia. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p.

161-170, jan/abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a09.pdf>> Acesso em 12 fev. 2018.

PORCHAT, Patrícia. *Gênero, psicanálise e Judith Butler – do transexualismo a política*. Tese (Doutorado Programa De Pós-Graduação em Psicologia Clínica). Instituto De Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.

ROSA, Miriam. Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista mal-estar e subjetividade*. Fortaleza, v.iv, n.2, p.329- 348, set. 2004.

ROSA, Miriam. Debieux.; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação; *psicologia & sociedade*. V. 22, n. 1, p.180-188, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>> Acesso em 27 nov. 2017.

ROUDINESCO, Elisabeth. & PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar: 1998.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ZIZEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.